

Bloco Islâmico aperta o cerco a Wahid

Entrevista feita a Liem Soei Liong

Com um processo de impugnação pela frente, o presidente indonésio Abdurrahman Wahid enfrenta tempos difíceis. Aqueles que eram seus aliados – as forças islamistas – apoiam agora a vice-presidente Megawati, que gostaria de ganhar a presidência nas urnas em vez de ser empurrada para lá num momento de forte instabilidade política. Uma instabilidade que vai certamente afectar Timor Leste. Entrevista com Liem Soei Liong, analista político indonésio e editor do boletim da Tapol, uma organização de defesa dos direitos humanos na Indonésia.

O Mundo em Português – Como explica a difícil situação actual do Presidente Wahid?

Liem Soei Liong – Wahid enfrenta agora tempos difíceis. Poder-se-á analisar a sua presidência de vários prismas, mas o maior problema que enfrenta é que, apesar da sua liderança ter um fundo democrático, não tem sido o estadista que a Indonésia precisa neste período de transição. Falhou no estabelecimento de instituições democráticas. A sua relação com o parlamento tem-se deteriorado, e existem agora algumas facções do parlamento, militares incluídos – visto que são uma importante força do parlamento – a começarem um processo de impugnação. Este processo, com um prazo que termina algures em Agosto, não é uma tentativa séria de impugnação, destina-se a enfraquecer a posição do presidente, visto que o golpe de Estado não é uma opção viável, já que não seria aceite nem na Indonésia, nem pela comunidade internacional.

M.P. – E qual é a posição da vice-presidente Megawati Sukarnoputri?

L.S.L. – Megawati já afirmou mais do que uma vez que a sua oportunidade para tornar-se presidente será em 2004, de acordo com a constituição, em eleição directa. Conhecendo a situação política na Indonésia conclui-se que ninguém

Entrevista conduzida por Álvaro de Vasconcelos
Liem Soei Liong, TAPOL – The Indonesia Human Rights Campaign

deseja tornar-se presidente numa altura em que enfrentará tantos problemas. É esta a posição de Megawati, apesar das pressões a que está a ser sujeita.

M.P. – E o que pensa das acusações de corrupção – são importantes, são reais?

L.S.L. – O presidente Wahid encontra-se a preparar uma resposta adequada ao parlamento e provavelmente clarificará a situação alegando o seu não envolvimento nestes dois escândalos de corrupção, mas confirmando o de alguns amigos e conselheiros. O maior problema do Presidente Wahid foi ter rejeitado o parlamento.

M.P. – Quem se apresenta como oposição a Wahid? São os militares que pretendem um presidente fraco ou serão também os sectores políticos conotados com o islamismo político mais radical?

L.S.L. – Num cenário de clara diversidade de agendas políticas, têm surgido alguns partidos coadunados com os militares, tentando devolver-lhes o poder que estes detinham. Os partidos islâmicos fundamentalistas, como lhes chamamos na Indonésia, têm surgido em força e têm-se unido.

M.P. – Uma vez que o presidente Wahid também é um político muçulmano, qual é a diferença entre os muçulmanos que apoiam Wahid e aqueles que são contra o presidente?

L.S.L. – Este é um problema complexo, que tentarei sintetizar. Quando Wahid foi eleito presidente, foi por nomeação do congresso, que é composto maioritariamente por partidos muçulmanos, incluindo o partido a que pertence Wahid [líder da maior organização muçulmana da Indonésia – *Nahdlatul Ulama* e fundador do Partido do Despertar Nacional – PKB]. Os partidos islâmicos, PBB, PKB, PAN, PPP recusaram-se a aceitar Megawati como presidente, embora esta tivesse a maior percentagem de votação (30% contra os cerca de 13% de Wahid). A recusa na altura devia-se ao facto de Megawati ser uma mulher, o que não lhes agradava. Agora é o mesmo grupo, à excepção do partido de Wahid, que está a promover Megawati. A razão para o fazerem prende-se com o facto de estarem desapontados com Wahid. Wahid é demasiado liberal e o grupo é cada vez mais fundamentalista.

M.P. – E quererão construir um Estado islâmico?

L.S.L. – Não creio. Mas acreditam que tendo Megawati como presidente terão mais espaço de manobra para elevar a importância do islão na política. Mas não creio que a maioria dos muçulmanos politicamente activos queiram um Estado islâmico. Receiam tendências como as dos taliban.

M.P. – O PAN de Amien Rais segue que tendência do islamismo político?

L.S.L. – O PAN está a tornar-se um dos partidos fundamentalistas. Quando este surgiu era uma amálgama de

democratas radicais, democratas cristãos, mas todos esses já o abandonaram. Hoje é um partido islâmico.

M.P. – A situação do presidente parece ser muito diferente dentro e fora de Jakarta. Pode clarificar esta situação?

L.S.L. – Realmente o que se passa é que o apoio das elites políticas a Wahid é muito fraco. Quando se fala nas massas e no apoio ao presidente em Java, apercebemo-nos que a sua popularidade é enorme. Assim, sempre que uma manifestação anti-Wahid tem lugar, no dia seguinte há uma pró-Wahid.

M.P. – Os estudantes que se manifestam contra Wahid, pertencem a que facção?

L.S.L. – São parte dos grupos islâmicos que tentam derrubar Wahid. E conseguem reunir no máximo 11 000 pessoas, enquanto os apoiantes de Wahid já reuniram centenas de milhares. Logo, não há qualquer comparação entre os dois. O presidente do congresso, também ele um opositor de Wahid já deu luz verde ao movimento contra Wahid, convidando os estudantes a invadir o parlamento.

M.P. – Ser pró-Wahid é ser pró-democracia?

L.S.L. – Não necessariamente. Por vezes os apoiantes de Wahid tomam atitudes antidemocráticas, como a ocupação da sede do GOLKAR e incendiaram edifícios. O movimento pró-democracia não gosta que a questão seja colocada nesses termos. Assumem muitas vezes, algo contrariados, uma posição de apoio a Wahid, quando este é atacado por forças antidemocráticas. Fora de Java os militares têm conseguido criar uma situação de conflito religioso nas Molucas e de conflito étnico em Kalimantan, o que coloca novos problemas ao movimento pró-democracia. Após dois anos de conflito, tenta-se agora a reconciliação entre cristãos e muçulmanos nas Molucas, mas a situação mais preocupante continua a ser Aceh. O governo indonésio já acordou em diminuir o contingente militar, porque mais uma vez houve pesadas baixas em Aceh. Baixas civis.

M.P. – E como é que esta situação afecta Timor Leste?

L.S.L. – Uma situação de instabilidade num vizinho tão poderoso quanto a Indonésia nunca poderá ser favorável a Timor Leste. Tem-se assistido a uma escalada no número de incidentes em Timor Leste, com intervenção dos serviços secretos indonésios, e de alguns sectores que nunca aceitaram o resultado do referendo. O objectivo é impedir os timorenses de se registarem a tempo para as eleições de Agosto e demonstrar que Timor é instável agora e continuará a ser. Os cerca de 100 000 refugiados de Timor Ocidental continuarão a ser usados pelos militares e pelas milícias como fonte de confrontos e ameaça à segurança de Timor Leste. Se a comunidade internacional não lidar com esta ameaça à segurança de Timor, penso que o número de incidentes só aumentará à medida que se progride para as eleições de Agosto. ■